

## HISTÓRIA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA: MUSEU DE TELECOMUNICAÇÕES DE PELOTAS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Letícia Mazzuchi Ferreira<sup>4</sup>

Lic. André Luis Borges Lopes<sup>5</sup>

---

**RESUMO:** O Museu de Telecomunicações UFPEL-CEFET, Pelotas, tem como seu objetivo principal estabelecer o diálogo entre o passado e o presente, ou seja, uma proposta museológica centrada no processo histórico das telecomunicações e nas novas tecnologias do presente. O museu, concebido como um espaço onde história e tecnologia andam juntas é, portanto um espaço da curiosidade, da pesquisa, do aprendizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu; Telecomunicações; Patrimônio Industrial.

---

**ABSTRACT:** The Museum of Telecommunications UFPEL-CEFET of Pelotas, aims as its main project the dialogue between the past and the present, that is to say a museum display which will be based on the historical life of telecommunications and also on the actual new technologies. This museum, built as a space where history and technology are going together, will be that connection, the space of the discovery, of the research and of the learning.

**KEY-WORDS:** Museum; Telecommunications; Industrial Heritage.

---

*A bengala, as moedas, o chaveiro,  
A dócil fechadura, as tardias  
Notas que não lerão os poucos dias  
Que me restam, os naipes e o tabuleiro.  
Um livro e em suas páginas a seca  
Violeta, monumento de uma tarde  
Sem dúvida inesquecível e já esquecida,  
O rubro espelho ocidental em que arde  
Uma ilusória aurora. Quantas coisas,  
Limas, umbrais, atlas, taças, cravos,  
Nos servem como tácitos escravos,  
Cegas e estranhamente sigilosas!*

---

<sup>4</sup> Professora do Departamento de História e Antropologia, ICH, UFPel, Brasil.

<sup>5</sup> Licenciado em História.

*Durarão para além de nosso esquecimento;  
Nunca saberão que nos fomos num momento.*  
(BORGES, J.L., As coisas)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar a experiência que tem sido para nós, professores, alunos e ex-alunos do Curso de História da Universidade Federal de Pelotas, da constituição e implantação do Museu de Telecomunicações da cidade de Pelotas. Esse museu vem se consolidando como um espaço extremamente participativo, envolvendo não apenas a UFPel, através da equipe vinculada ao Instituto de Ciências Humanas, como ao Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET/RS), através do Curso Superior em Telecomunicações.

A trajetória desse projeto começa em março de 2003 quando toda uma mobilização, liderada pelo Centro de Diretores Lojistas, traz à tona nos diários pelotenses, a perda que se via acontecer naquele momento, com o deslocamento do acervo do antigo Museu CTMR para Brasília<sup>6</sup>. A argumentação utilizada era que parte da história da cidade era levada junto com as peças, tendo em vista a importância que havia tido a CTMR no âmbito local. Essa mobilização, pautada sobre a ideia da memória subtraída, merece por si uma análise mais profunda, pois se percebe que, de fato, outros significados eram atribuídos ao deslocamento do acervo para outro lugar. O esvaziamento de uma empresa que representou, durante muitas décadas, um avanço da cidade no setor de telecomunicações, trazia consigo um sentimento de impotência, enfatizando um presente empobrecido face a um passado imaginado como rico e próspero, passado este do qual a CTMR passou a ser emblemática.

Assim, o antigo museu passou a simbolizar essa memória, ou, na expressão de Nora, passou a ser um lugar de memória, logo investido de significados emocionais, de memórias que buscam se tornar coletivas (NORA, 1989 :7). As ações públicas levadas a termo nesses começos de 2003 refletiam, em sua essência, essa ambigüidade de preservar o que já não mais existe; ou, parafraseando Nora, falamos muito de memória porque é só isso que fica, na ausência do referente.

---

<sup>6</sup> A CTMR (Companhia Telefônica Melhoramentos e Resistência) foi adquirida pela Brasil-TELECOM em 1999. Integrando o patrimônio aquisitado estava o acervo do chamado “Museu da CTMR”, uma exposição permanente que funcionava desde os anos 80, no subsolo do prédio central da companhia, à rua XV de novembro. Esse acervo, sobre o qual nos debruçaremos a seguir, foi removido do prédio em questão, tendo em vista o mesmo estar sendo desativado para ser posto à venda.

Como resultado da campanha desenvolvida na comunidade e de diálogos mantidos com a Direção da BRASIL-TELECOM, o acervo CTMR voltou para Pelotas e é nesse momento que se constitui um Comitê Gestor do Futuro Museu Gaúcho do Telefone, composto por diversas entidades locais e por representante da Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC). A fundação desse Comitê Gestor, que simbolicamente passou a representar uma interlocução entre acervo-passado e museu-futuro, foi um passo importante para a UFPel, que passou a garantir sua presença e participação, primeiramente na organização de uma exposição anunciando o projeto futuro, e posteriormente, requerendo para si as atribuições de propor ações museológicas, disponibilizar um imóvel para sediar o museu, envolver docentes e discentes num projeto que, muito precocemente, se revelou de fundamental importância<sup>7</sup>.

A montagem da exposição, que ocorreu durante o mês de junho, nas dependências da Biblioteca Pública, foi revelando, nos seus diversos momentos, que muito mais do que um acervo composto por telefones antigos, centrais telefônicas, objetos técnicos, mobiliário da empresa, quadros, etc., estávamos diante de diversas possibilidades de recriar o passado, a história de uma empresa, as memórias que cada objeto parecia reter. Essa exposição foi reveladora de um imenso potencial de pesquisa que se alojava no acervo. Os anúncios de sua abertura, feitos pela imprensa local, começaram a suscitar um grande número de telefonemas, em sua maioria feita por ex-funcionários da CTMR, buscando informações de onde e quando poderiam ver o “museu”. Dentre esses tantos apelos, um especialmente foi de grande importância, pois se tratava do ex-funcionário do Almoarifado e um dos mentores do Museu CTMR, Sr. Geraldo Lamas. Através dele, o acervo passou a adquirir voz e traduzir experiências, momentos marcantes na vida da empresa, bem como inventividade e técnica produzidas no local. A figura desse ex-funcionário nos fez pensar que, para que a exposição tivesse um sentido maior do que apenas objetos dispostos ao olhar, era necessário buscar as inúmeras vozes que dela poderiam surgir. Foi nesse contexto que se originou o Projeto de pesquisa denominado Museu de Vozes, e que tem por função constituir um banco de depoimentos orais sobre a CTMR<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Em outubro de 2003 a UFPEL, através do Instituto de Ciências Humanas e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, solicita formalmente a guarda do acervo CTMR, e disponibiliza o imóvel de sua propriedade, localizado na Rua Félix da Cunha, 518, para abrigar o futuro museu.

<sup>8</sup> É uma referência nesse sentido à monografia de conclusão do Curso de História de André Luis Borges Lopes, denominada *CTMR: História e Memória (1950-1980)*, na qual o autor apresenta o resultado, ainda parcial, das entrevistas feitas junto a ex-funcionários e *V. I, n° 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.*

O contato com o acervo, os primeiros passos dados em direção ao registro formal dos objetos, a recepção de visitantes que, em sua maior parte, eram egressos da Companhia, foram gerando um interesse muito grande no grupo de trabalho, repercutindo entre os estudantes de História, como se construíssemos, a cada dia, mais um pedaço de uma teia que passou a nos envolver definitivamente, evocando aquilo a que não se pode furtar o historiador: a paixão<sup>9</sup>.

Da exposição à idéia de uma ação efetiva na organização do museu, apenas um passo<sup>10</sup>. A luta, nesse momento, era conseguir um espaço para abrigar o museu, e esse nos veio por concessão da Universidade: uma casa, inventariada pelo patrimônio municipal, localizada em pleno centro histórico da cidade, e disposta de infra-estrutura como luz e telefone. O imóvel, para que apresente as condições necessárias para albergar o acervo e sediar todas as ações museológicas, deve sofrer intervenções em seu interior. Sem verba disponível para tanto, coube ao grupo de trabalho, buscar alternativas e parcerias para viabilizar o museu. Foi nesse período que se tomou a decisão de conferir um outro nome ao Museu Gaúcho do Telefone. Esse outro nome, Museu das Telecomunicações, veio em decorrência tanto do trabalho de pesquisa que se havia iniciado, quanto da necessidade de ampliar, para além do telefone e para além da CTMR, as propostas museológicas em questão. O surgimento de representantes de outros setores da comunicação, como os telegrafistas, nos ajudou a pensar que tanto no museu, quanto no museu de vozes, outros agentes e outras tecnologias deveriam ser representados. Assim, o museu de vozes passou a ser composto por um acervo oral de profissões já extintas, como os telegrafistas, e em extinção, como as telefonistas, assim como narrativas de experiências profissionais em diferentes setores das telecomunicações.

Essa alteração do nome e da proposta do museu levou-nos a buscar um diálogo mais intenso com o CEFET/RS, e mais especificamente com representantes do Curso Superior em Telecomunicações. Essa parceria vem se demonstrando extremamente rica, pois propicia trocas importantes entre duas áreas do

---

representantes da direção da CTMR. De grande interesse se apresentaram as entrevistas com as telefonistas, que trataremos posteriormente.

<sup>9</sup> O grupo inicial era composto por dois professores, Maria Leticia Ferreira e Fábio Vergara Cerqueira, e por alunos da graduação em História: André Luis Borges Lopes, Clara Machado, Cláudia Vieira de Souza, Cristiano Gastal Sória, Taiane Mendes Taborda, Vanessa Volcão, Vinicius Goulart. Além disso, um número grande de alunos passou a colaborar no monitoramento da exposição que, contrariando os prazos iniciais, se estendeu por quase dois meses.

<sup>10</sup> Alocada em uma parte do salão nobre da Biblioteca Pública Pelotense, no dia 12 de Junho de 2003, às 14h e 30 min, foi aberta a exposição *CTMR: História e memória*, mostrando ao público pelotense, raridades do tempo do telefone (LOPES, 2004 : 2).

*Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

conhecimento: as Ciências Humanas e Tecnológicas. Desse contato, propostas vêm sendo articuladas e novas ações vão sendo operacionalizadas.

Entretanto, ainda que o Museu de Telecomunicações busque ter como matriz central o percurso da tecnologia a serviço da comunicação humana, centrado nas telecomunicações, tem o núcleo central de seu acervo composto por aquele que foi o Museu CTMR, devendo, portanto, ser também um espaço privilegiado da memória dessa empresa, buscando reconstruir esses elementos identitários da cidade com sua história.

### **A CTMR: NASCIMENTO E O CASO DE UMA EMPRESA REGIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES**

O alvorecer do século XX apresenta uma Pelotas em grande transformação. A industrialização, o incremento da economia e a urbanização crescente, refletem-se em uma cidade que se moderniza<sup>11</sup>. Foi nesse contexto de expansão de capitais, de industrialização e de crescimento urbano que surgiu a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR). A empresa que prestava serviços telefônicos na cidade, anterior a CTMR, era a Companhia Telefônica Riograndense, de propriedade do coronel Juan Ganzo Fernandez, de origem uruguaia. À comunidade de empresários locais, essa empresa se apresentava deficiente, tanto nos serviços prestados como no alto preço das tarifas. Assim, buscando a melhoria dos serviços telefônicos e a garantia de um investimento local, é que o projeto CTMR se apresentará como factível. A Associação Comercial de Pelotas capitaneou as ações para viabilizar o surgimento de uma empresa local, que surge em 1919 com o nome de Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência, e que tinha como objetivos principais a melhoria dos serviços e a resistência ao capital estrangeiro<sup>12</sup>.

O processo de implantação da CTMR seguiu a legislação das sociedades anônimas, aconteceu rapidamente. De acordo com Ueda, os acionistas eram empresários, para os quais a nova companhia telefônica e o Banco Pelotense trariam grandes benefícios para seus negócios. Necessitavam, portanto, de um serviço

---

<sup>11</sup> Aqui a tese de Doutorado de Francisca F. Michelon, *Cidade de Papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)*, apresenta-se como uma importante contribuição para compreender esse projeto modernizador que foi implementado na cidade nesse começo de século XX.

<sup>12</sup> Estatuto da CTMR, elaborado em 1919. In: LOPES, *CTMR: História e Memória (1950-1980)*. V. I, n° 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.

eficiente, para reduzir as distâncias e ter maior lucratividade em seus empreendimentos (UEDA, 1999: 66-69).

Nos seus primeiros tempos de funcionamento, a empresa buscou implantar centrais e expandir a rede telefônica. Monitorada por companhias estrangeiras, como a *Western Company*, que forneciam o aporte técnico necessário, a empresa foi adquirindo aparelhamento e se lançando num projeto de abranger não apenas Pelotas, mas as cidades vizinhas. Entretanto, no serviço interurbano era ainda impedida de atuar, até os anos 50. O tráfego mútuo entre a Companhia Telefônica Riograndense e a CTMR foi estabelecido em 1952, e um ano após, é instalado o serviço de telefone automático, abrangendo 5.000 linhas e constituindo-se assim como um dos maiores do país.

Os anos 60 serão de expansão, tanto no espaço urbano quanto no rural. Nos 70, a criação da Telebrás (Telecomunicações Brasileiras S.A) foi lançada para coordenar as telecomunicações no país, sobretudo no que se refere aos serviços locais<sup>13</sup>. Foi criado o Sistema Telebrás, composto por 22 subsidiárias e 4 associadas e será a partir de 1976 que a CTMR passa a integrar o sistema Telebrás, tendo acesso a recursos disponibilizados pelo governo federal que possibilitarão a ampliação da rede em bairros mais afastados do centro da cidade, e o investimento em equipamentos e tecnologias. É nesse período que a empresa conhece seu maior crescimento, o que é evocado por alguns ex-funcionários, tal como Geraldo Lamas ao dizer que a empresa estava em primeiro lugar no Brasil no item qualidade, “em menos de 24 horas o telefone tinha que ser consertado, e muitas vezes até telefone novo era instalado em menos de 24 horas”<sup>14</sup>.

O prédio da Rua General Neto, 984, foi a primeira sede da CTMR. Nesse prédio, um sobrado, a primeira central telefônica foi instalada, na parte inferior do edifício. Já na parte superior ficavam as salas do setor comercial e administrativo e a sala das telefonistas.

Os primeiros cabos que saíam da central na sede, iam por via subterrânea, dentro de manilhas de cerâmica, até chegarem aos postes e daí por diante seguiam por via aérea para toda a cidade e zona rural. Para a colocação dos primeiros cabos (cabos primários) era necessário que fossem abertas valetas, para que estes fossem lançados. A chamada “turma dos cabistas” era quem executava essa tarefa de abrir as valetas, o que recorda Gilmar de Leon ao dizer que o trabalho de cabista era muito difícil, pesado, demandando muito esforço físico.

---

<sup>13</sup> EMBRATEL, pequena cronologia das telecomunicações, 1999.

<sup>14</sup> Geraldo Lamas, entrevista realizada no dia 06 de junho de 2003.

Para o trabalho com os cabos aéreos e para fazer a instalação, reparo e remanejo de aparelhos telefônicos nas residências, havia a turma dos instaladores, que sempre trabalhavam em duplas. Assim como o serviço dos cabistas, o dos instaladores era bastante árduo, como na fala de Oswaldo Azevedo ao dizer que,

*no remanejo a gente caminhava muito, bota escada no poste, pega escada aqui, bota outro lá, solta fio para baixo, enrola fio, recolhe tudo...essa função nós fazíamos e éramos só dois. Era muita caminhada, chegava de noite, se não tivesse prática, ficava moído, porque ainda mais se carregava na cintura a marreta, a cinta dos postes, alicate, chave, era um peso enorme<sup>15</sup>.*

Os anos 70 são lembrados como um período de grandes melhorias na Companhia, como a ampliação da frota de carros, por exemplo, e ampliação das centrais rurais, que a essa época cobriam os arredores da cidade de Pelotas, na região denominada de “Colônia”, até São Lourenço.

O telefone nos núcleos rurais era utilizado, principalmente pelos pequenos comerciantes, que tinham que estar em contato permanente com a cidade e com as principais áreas de produção e consumo. Além disso, a casa da telefonista era uma referência no povoado, sendo também, via de regra, o local onde funcionava a escola.

As recordações sobre o papel desempenhado pelas telefonistas “da colônia”, usando expressão local, e sobre o trabalho de suporte técnico, muitas vezes fazendo frente às intempéries, são evocadas por essas mulheres e homens que durante muito tempo trabalharam junto à companhia, ainda que, conforme afirmam muitas telefonistas, elas trabalhassem de maneira mais autônoma, sendo raras as vezes em que vinham à sede da empresa, na cidade.

O uso do cobre para a confecção das linhas levou ao desenvolvimento de equipamentos, fabricados pelos próprios funcionários da empresa, para o fabricar de fios. Esse trabalho de infra-estrutura era feito nas oficinas mecânicas da empresa, e com orgulho alguns ex-funcionários dizem que “quase tudo era feito ali”. A empresa mantinha um setor de oficinas mecânicas, além de carpintaria e marcenaria, e ainda que fosse produção apenas para consumo interno, o sentimento evocado é o de auto-sustentação. “Era uma potência”, essa costuma ser a expressão utilizada para representar a empresa, ao mesmo tempo em que lamentando seu desaparecimento. A representação da empresa como um local de estímulo à criatividade e dedicação dos funcionários, é também recorrente, com ênfase na figura de um ou outro diretor, sobretudo aqueles anteriores aos anos 80 quando, conforme relatos, os cargos de

---

<sup>15</sup> Oswaldo Azevedo da Silva, entrevista realizada em 18 de dezembro de 2003. V. I, n° 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.

diretoria passam a ser de ordem essencialmente política, em detrimento da formação técnica.

A idéia da empresa como uma família é outra representação da mesma que se observa nos relatos orais. Ainda que reconheçam os conflitos, sobretudo aqueles de ordem trabalhista, a evocação é de um lugar onde proteção e companheirismo são estruturantes. Na verdade, ao se trabalhar com história oral, percebe-se que essa relativização do passado, esse enaltecimento daquilo que era positivo, são elementos da própria evocação, na qual a memória é, acima de tudo, essa reinterpretação do passado<sup>16</sup>. No presente, ao recordarem o tempo do trabalho, os conflitos são atenuados. Assim, ao serem perguntados sobre que vantagens tinha o sujeito ao trabalhar na CTMR, são unânimes em dizer que o salário “não era muito, mas dava”; não havia um plano de saúde, mas um acordo que vigorou por algum tempo entre a Companhia e a Santa Casa, e, sobretudo, “os patrões eram bons, quando alguém ficava doente, eles iam visitar a pessoa no hospital... hoje já não se vê mais isso”<sup>17</sup>. É esse caráter de pai-patrão, de exigente, mas justo, que aparece organizando as recordações, atenuando, portanto, comportamentos autoritários por parte da direção. Na verdade, como afirma Portelli, trabalhar com fontes orais significa conviver com a ambivalência, com a contraditoriedade manifesta nos relatos, mover-se, tal como afirma o autor, entre a desejada assepsia do documento e a consciência de tratar materiais infectados (sic) no momento de sua formação (PORTELLI, 1985: 85).

As memórias, matéria-prima dos relatos orais, vão nos fornecendo traços de uma outra empresa, ou melhor, de uma CTMR das vivências cotidianas, das experiências pessoais, e não raramente se observa que o sujeito desconhecia o patrão, circulava apenas no mesmo espaço, e reconhecia como autoridade aquela mais próxima de si. É o caso das telefonistas, muito acentuado naquelas que atuaram como empregadas da empresa no meio rural, mas que raramente vinham ao centro, mas também de algumas que ao falarem de seu trabalho, dão ênfase no cotidiano, nas relações mais próximas travadas no dia-a-dia, e a idéia da totalidade aparece esporadicamente, como por exemplo, nas comemorações coletivas tais como Natal, Páscoa, etc. O mundo do trabalho, ao qual se referem essas pessoas, é aquele do

---

<sup>16</sup> Os casos de ex-funcionários que acionaram judicialmente a empresa, em busca de seus direitos trabalhistas, são inúmeros. Entretanto, para essas pessoas, há uma diferenciação estabelecida entre a CTMR “do tempo dos patrões bons” e aquela contra a qual atuam. Isso explica relatos como o de uma ex-telefonista que, tendo ingressado no mundo do trabalho através da CTMR e nela atuado como telefonista por muitas décadas, reconhecendo aquele como o espaço de uma “família”, tenha, no momento da aposentadoria, acionado a empresa na justiça do trabalho.

<sup>17</sup> Ruy Bonow, entrevista realizada em 10 de junho de 2003.



setor ao qual se vinculavam, tal como aparece no relato de uma ex-telefonista ao dizer que a empresa para ela era a sala das telefonistas:

*Eu sempre trabalhei ali, no segundo piso (referindo-se à antiga sala das telefonistas no prédio da rua General Neto), e como eu era guria e queria dinheiro para meus aprontes de casamento, fazia quase sempre o turno da noite.....era uma turma, era aquele movimento de luzinha acendendo nas mesas, e às vezes as gurias ficavam escutando as conversas...mas eu e outras não, a gente tinha medo, porque tinha um senhor que ficava lá embaixo e a gente sempre achava que ele controlava se alguém estava escutando<sup>18</sup>.*

Esse desconhecimento da totalidade da empresa é bastante recorrente entre os entrevistados, sobretudo entre aqueles que trabalharam antes da instalação das centrais modernas, que automatizaram o trabalho. À medida que a empresa foi se expandindo, maior distanciamento parece ter-se imposto em relação ao núcleo central, à diretoria; e, num movimento de refluxo, a partir dos anos 90, se percebe o retorno ao ponto de origem, uma vez que, com a completa automatização, tudo passa a funcionar a partir de centrais, uma no centro e outra num bairro.

O papel formatador de identidades sociais que se pode atribuir ao trabalho aparece claramente nos mais diversos depoimentos, parecendo não haver uma relação direta entre o tempo trabalhado e a intensidade com a qual a memória reafirma as identidades no presente. O contato com os objetos de acervo expostos durante algum tempo na Biblioteca Pública Pelotense, possibilitou a alguns ex-funcionários, reviverem essa memória da experiência, não sendo raro que, ao detectarem objetos que eram de uso cotidiano no local de trabalho, imediatamente os identificarem e, através deles, desencadearem o processo de recordação e narração. Às telefonistas, sobretudo, interessaram às centrais telefônicas, e algumas delas pediram para sentar de novo na frente daquilo que, por muito tempo, foi o objeto de trabalho. Essas pessoas passam a reproduzir com o corpo, a gestualidade inerente ao ofício, como se memória e corporalidade fossem, naquele momento, uma única expressão. Os objetos de acervo parecem, portanto, adquirir vida ao serem assim atravessados por recordações: são, como no poema de Borges, testemunhos silenciosos de passado, parecendo carregar consigo uma eternidade das coisas, diante da finitude humana<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Carmen Gonçalves, entrevista realizada em 30 de abril de 2004.

<sup>19</sup> A esse respeito, o texto de Alan Radley “Artefacts, Memory and Sense of the past”. In: MIDDLETON, David and EDWARDS, Derek. *Collective remembering*. Londres: Sage Publications, 1994. Além disso, no que se refere aos objetos técnicos, veja-se SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989. *V. I, n° 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jul/Dez 2004.*

Assim, objetos de acervo e histórias de vida parecem compor narrativas, e a existência de um grupo de ex-funcionários com suas lembranças, vão conferindo vida a isso que, no presente, é vestígio de passado. Essa história vivida é o que se pretende incorporar às propostas museológicas, sobretudo no espaço destinado dentro do museu, para a história das telecomunicações<sup>20</sup>.

### **O MUSEU DE TELECOMUNICAÇÕES: MEMÓRIA E TECNOLOGIA**

O Museu de Telecomunicações surgiu, portanto, no interior dessa tomada de responsabilidades por parte da Universidade Federal de Pelotas, ao requerer junto ao Comitê Gestor, a gestão desse que, como já dito anteriormente, foi sendo compreendido como um Museu de Telecomunicações. Para a Universidade, esse Museu se transformava em uma forma de oportunizar, não apenas aos alunos como à comunidade de maneira geral, um local onde o conhecimento científico, o conhecimento histórico e a criatividade humana, estivessem dispostos de maneira integrada. A história da CTMR é parte importante do museu, e isso se deve não apenas ao fato da existência de um acervo de mais de 140 peças, como pela forma como a história da empresa está enraizada na história local. Sobre o acervo CTMR, tal como já abordado anteriormente, podemos classificá-lo em quatro itens:

1. Aparelhos telefônicos, centrais e correlatos.
2. Equipamentos técnicos utilizados pela empresa, alguns remontando à fundação da mesma.
3. Mobiliário, e nesse item estão não apenas o mobiliário de escritório, sala de telefonistas, sala de direção, como também aqueles utilizados nos setores de infra-estrutura.
4. Acervo documental, dentro do qual se encontra documentação da empresa, remontando aos primeiros anos de funcionamento, catálogos telefônicos, material visual, plantas de expansão de rede telefônica. Dentro desse item consta também o acervo oral, composto por registro de depoimentos de ex-funcionários e diretores da Companhia.

---

<sup>20</sup> Memórias de grupos de trabalho, memória e afetividade. Sobre isso o artigo de LECCARDI, Carmen. *Memoria collettiva e gratitudine* In: JEDLOWSKI, Paolo (a cura di). *Il senso del passato*. Milano: FrancoAngeli, 1991.

*Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

Tendo em vista o tamanho e importância do acervo, será constituído um espaço próprio destinado à história dessa empresa, buscando-se a contextualização necessária para que ela seja integrada numa história das telecomunicações tanto no Brasil quanto em nível mundial. Essa relação se demonstra claramente no acervo, ao se observar, por exemplo, as inúmeras referências materiais, fotográficas e em depoimentos, à presença de empresas como a *Ericsson* sueca e a *Siemens* alemã, no fornecimento de aparelhamento e tecnologias.

Nessa proposta de dispor a comunicação humana num percurso histórico, evidenciamos momentos fundamentais, dentre eles o telefone como aquilo que permitiu à humanidade realizar um de seus mais antigos sonhos: comunicação à distância. Assim, do *telephone* à Internet, passos gigantescos foram dados numa velocidade vertiginosa, permitindo que em um tempo cronologicamente muito pequeno (o que é um século diante da imensidão de milênios?), o planeta fosse interligado dentro de uma rede de comunicação.

A esse primeiro eixo articulador, o processo histórico, corresponderá um outro, que abrangerá dois terços do espaço disponibilizado para expografia. Nesse a ênfase incidirá sobre os processos tecnológicos geradores de comunicação, o avanço da pesquisa em telecomunicações, tendo como substrato temporal a contemporaneidade. Assim, abre-se espaço para a exposição de equipamentos e maquetes com reproduções internas dos mesmos, com o fim de serem manuseados, compreendidos em seu processo gerador.

Interatividade. Essa será a tônica nesse ambiente museográfico. Visualizar o processo de geração dos estímulos, compreender a origem de cada elemento, entrar num mundo atravessado pela Internet, um mundo do presente, mas também do futuro.

Além das observações e manuseios de equipamentos, o visitante é convidado a buscar informações em terminais de computador dispostos pelo ambiente. A atualização dos novos produtos lançados no mercado estará, também, sendo privilegiada nesse espaço interativo: O museu vivo.

Essas duas grandes linhas serão, portanto, as bases museológicas desse espaço, e será dentro delas que a pesquisa e a extensão se articularão, cumprindo assim o papel acadêmico desse museu e, em termos gerais, podemos dizer que o museu propõe-se a:

- Desempenhar um papel importante no desenvolvimento do aprendizado da história das telecomunicações.

- Adotar uma visão interativa e dinâmica abrindo o ambiente do museu para sediar eventos, mostras e exposições temporárias.
- Completar a educação formal e proporcionar ao visitante uma aproximação com as técnicas importantes do seu cotidiano.
- Estimular o espírito de pesquisa e o entendimento da tecnologia.
- Atualizar, em tempo-real, as recentes conquistas tecnológicas das telecomunicações.
- Ser um espaço de fomento à curiosidade científica, através de técnicas expográficas que permitam o acompanhamento dos processos de telecomunicações, colocando em funcionamento aparelhos disponíveis.
- Lançar o museu numa rede de instituições científicas, através de um site gerado pela equipe, propondo assim sua divulgação em nível mundial, para que seja visitado virtualmente e incluído em rotas turísticas.

#### **A PARCERIA UFPEL – CEFET**

Essa aliança entre duas instituições de ensino foi sendo consolidada à medida que, avançando no projeto de implantação do museu, percebíamos que somente o trabalho integrado com outras áreas do conhecimento poderia garantir a viabilidade do mesmo. O interesse científico, didático-pedagógico e a história de cada uma dessas partes nesse percurso possibilitaram que chegássemos a um termo de compromisso para uma gestão compartilhada do Museu de Telecomunicações de Pelotas. Esse compromisso e envolvimento dar-se-á tanto no aspecto administrativo, em todos os níveis em que possa ser compreendido, quanto no aspecto científico e acadêmico, tornando-se o museu um local de aulas práticas, estágios, pesquisa e aplicação, através da colocação em funcionamento dos equipamentos disponíveis e da geração de outros, para serem testados.

A equipe de trabalho vinculada à UFPel tem desenvolvido, desde os primeiros contatos com o acervo, o trabalho de registro e catalogação do material. Ao acervo original, aquele exposto nos meses de junho e julho de 2003, foram sendo incorporadas outras doações, como uma coleção de telefones públicos, por exemplo. Assim, a equipe vem recebendo do Sistema Estadual de Museus, na figura de sua coordenadora Simone Monteiro, um treinamento para que organize toda a documentação museológica antes de ser definitivamente aberto o museu à comunidade, garantindo assim o registro do acervo e a viabilidade de trabalhos futuros. Começando pelo começo. É assim que nos sentimos, e cada passo premedita

*Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*

o próximo, cada problema solucionado estimula a solucionar o outro, que certamente virá. Nossa experiência, muito jovem ainda, nos permite sonhar com o museu aberto num curto espaço de tempo, e um museu vivo, vibrante, comunicativo enfim.

**EQUIPE DE TRABALHO UFPEL:**

Professores:

Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Técnico- Administrativo:

Lic. Mara Regina Gomes da Silva

Acadêmicos:

Claudia de Souza Vieira

Taiane Taborda Roja

Licenciados em História:

André Luis Borges Lopes

Clara Machado

Heleonora Rosa

**EQUIPE DE TRABALHO CEFET:**

Esse grupo de trabalho encontra-se ainda em fase de consolidação, registrando-se, porém, os nomes dos docentes que estão atuando justamente na estruturação do grupo e que mantêm um papel ativo e fundamental na implantação do museu. A saber,

Prof. Dndo. Edgar Luis Mattarredona

Prof. Dr. João Antonio Allemand.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- LECCARDI, Carmen. Memoria colettiva e gratitudine. In: JEDLOWSKI, Paolo (a cura di). *Il senso del passato*. Milano: Franco Angeli, 1991.
- LOPES, André L. Borges. *CTMR: história e memória (1950-1980)*. Pelotas: UFPel. (Monografia apresentada como conclusão do Curso de História), 2004.
- MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de Papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)*. (Tese de Doutorado) PUCRS: PPGH, 2001.
- NORA, Pierre. Between memory and history: les lieux de mémoire. In: *Representations*. Spring: 1989, n. 26.
- PORTELLI, Alessandro. *Biografia di una città storia e racconto: Terni 1830-1985*. Torino: Einaudi, 1985.
- RADLEY, Alan. Artefacts, Memory and a Sense of the past. In: MIDDLETON, David and EDWARDS, Derek. *Collective remembering*. London: Sage Publications, 1994.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.
- UEDA, Vanda. *Inovação tecnológica e espaço urbano: A implantação da CTMR em Pelotas/RS*. Florianópolis: UFSC. (Dissertação de mestrado), 1999.

Recebido em: 17/04/2004

Aprovado em: 23/07/2004

Publicado em: 24/09/2004